

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

O DISCURSO RELATADO COMO PONTO DE AFASTAMENTO DE POSIÇÕES DISCURSIVAS ENTRE DIFERENTES JORNAIS

Zilda Andrade L. Santos
zp30@ig.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como proposta verificar de que modo notícias nos jornais *O Dia* e *O Globo* construíram discursivamente o evento de 11 de setembro e seu desdobramento com o contra-ataque ao Afeganistão no dia 7 de outubro, como acontecimentos que marcaram o início do novo milênio na virada de mais uma página da história. Nossa atenção focaliza a forma pela qual uma dada formação discursiva, através de notícias no jornal, recriou tais eventos discursivamente e mobilizou uma intertextualidade identificada no mundo da ficção e da História, na construção de uma cenografia discursiva, e o modo do discurso relatado (DR) se configurar nessa construção como ponto de afastamento de posições discursivas.

Para compreendermos o modo como a imprensa escrita, através do jornais *O Dia* e *O Globo*, construiu discursivamente os eventos citados, optamos por uma fundamentação teórica de base enunciativa, de acordo com conceitos-chave da AD, focalizando heterogeneidade enunciativa, relevante nos estudos sobre enunciação, numa perspectiva dialógica e polifônica da linguagem.

Buscamos centralizar nosso interesse na mídia impressa, enfocando especificamente o gênero notícia, sabendo-se que através do discurso relatado este gênero permite introduzir em seu próprio discurso outros discursos.

O DR COMO MARCA DE HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA

O dialogismo bakhtiniano (Bakhtin e seu círculo, 1992) nos serve de referência para o entendimento do conceito de heterogeneidade enunciativa que também nos remete ao conceito de discurso relatado (DR) como uma das formas de heterogeneidade marcada e o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de interdiscurso como modo de compreender a heterogeneidade constitutiva no discurso. Segundo Bakhtin, um enunciado pode ser introduzido no outro sob formas variadas, numa interação dialética com o próprio texto, o que estabelece novos dados para a compreensão de outros textos, num processo dinâmico, para garantir a comunicação (1992, p. 316).

Em seus estudos, Authier-Revuz (1990, p. 28 e 32) considera duas diferentes concepções da heterogeneidade no discurso: a heterogeneidade constitutiva e a mostrada, o que implica também a noção de sujeito e sua relação com a linguagem.

Ao observar a forma como a notícia descreve um acontecimento e o constrói discursivamente, identificamos que o discurso relatado é um fenômeno de citação em que um discurso inclui outro discurso, ou seja, uma enunciação passada, anterior e exterior, é novamente colocada em cena através da enunciação atual.

Maingueneau (1997, p. 76), ao tratar de questões sobre discurso relatado como uma das formas de heterogeneidade mostrada, remete suas reflexões às concepções de Ducrot sobre polifonia e faz considerações sobre conceitos concernentes a enunciator e locutor¹⁵. Essas colocações sobre as vozes no discurso apontam para a idéia de que "há polifonia quando é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores" (Maingueneau, 1997, p. 76 e 77).

O que influencia a escolha do enunciator numa citação, de acordo com o gênero, é a formação discursiva. A noção de citação remete-nos à questão do intertexto e intertextualidade. Na concepção de Maingueneau (1997, p. 86), o intertexto é visível na linearidade do discurso, através dos fragmentos citados, enquanto a intertextualidade abrange relações entre formações discursivas às quais o intertexto remete. A interdiscursividade está nas relações entre os discursos, a partir, também, da relação entre as formações discursivas.

¹⁵ Nessa concepção, o locutor é visto sob dois diferentes ângulos: o de um locutor que é responsável pela enunciação e pode ser representado por L; e de um locutor que fala de si mesmo enquanto ser no mundo, pode ser representado por λ. (Maingueneau, 1997, p. 77).

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS EVENTOS

Procuramos relacionar cenografia¹⁶ e discurso relatado na construção de sentidos nas notícias para verificar como as regras, próprias do gênero notícia, investem na construção do evento do dia 11 de setembro e ataque ao Afeganistão, de acordo com as formações discursivas consideradas em cada jornal.

O DR contribui para o estabelecimento do EU no discurso, como aquele que enuncia, visto que no gênero notícia o tratamento lingüístico se dá em terceira pessoa, não tendo marca de primeira pessoa como sujeito do discurso. O TU, do par da locução discursiva, em nossa pesquisa, é o leitor presumido para quem é construído o evento, como o co-enunciador. Consideramos também que cada jornal buscou sua cenografia em cenários de enunciação já validados em outros gêneros, como o da ficção e o da História. Na perspectiva do interesse de nosso estudo, a dêixis empírica é identificada como ponto de partida da construção da notícia, porém aos poucos a discursividade aponta para um distanciamento entre empírico e discursivo.

A seguir, verificamos o modo como o DR integra a construção da cenografia no gênero notícia e a produção de sentidos que se estabelece em cada jornal, a partir de uma determinada posição discursiva.

JORNAL *O DIA*: DISCURSOS CINEMATOGRAFICOS

Destacamos que o jornal *O Dia*, na primeira página do CE deu maior destaque para Nova Iorque como cenário dos atentados, e pareceu focalizar a cidade como o palco do evento, pela forma como foi apresentado o título da página: Assim ficou NOVA IORQUE.

Identificamos que o título juntamente com toda a composição da primeira página do CE remetem o leitor ao mundo da ficção no cinema, tendo como cenário a cidade de Nova Iorque. A notícia interna "O império CONTRA-ATACA" tem como título a notícia da

¹⁶ Segundo Maingueneau (2001, p. 87), a cenografia é definida como a situação de enunciação que se constrói como elemento de legitimação dos discursos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

reação imediata dos EUA aos ataques do dia 11 de setembro. Essa notícia contém um título em intertextualidade com o mundo da ficção no cinema, já configurado na cenografia discursiva construída a partir da primeira página do CE. O foco é o Pentágono em Washington e esse espaço, na intertextualidade com a ficção, representa a capital do império.

O evento do ataque ao Afeganistão no dia 7 de outubro é construído como continuidade, da mesma forma como a produção no cinema monta determinados seriados em seqüência dos fatos. Ao analisarmos a primeira página da seção "Mundo", do dia 8 de outubro, observamos que o título "A FORRA" remete ao evento do dia 11 de setembro.

Organizamos fragmentos das notícias em forma de DR que apontam para ação do presidente Bush como o protagonista dos filmes, na intertextualidade do mundo da ficção com a realidade dos acontecimentos.

O presidente George W. Bush ordenou que o exército nacional permanecesse em estado de "alerta máximo" e jurou "castigar os responsáveis." (12/09/01)

A voz de Bush é trazida em forma de discurso indireto¹⁷ com uso de ilha em DD¹⁸. O enunciador-jornalista reformula a citação, mas mantém partes do dito marcadas por aspas. O sentido de império, como poder mundial, pode ser observado no começo da notícia, pois observamos que a posição de presidente concede a George W. Bush a prerrogativa de ordenar. Ao delimitar entre aspas as expressões "estado de alerta" e "caçar os responsáveis" o enunciador se distancia do dito colocando-o na voz de quem se posiciona socialmente para tal. O uso das aspas pode se referir a sintagmas atribuídos a um outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o enunciador

¹⁷ Segundo estudos de Maingueneau, o efeito que se tem no uso do discurso indireto é o de reformulação de algo que foi dito por alguém e a identificação de uma parceria numa mesma enunciação. O sentido do verbo introdutório é que marca diferença entre discurso relatado e oração subordinada substantiva (2001:150).

¹⁸ O fragmento delimitado pelas marcas tipográficas, atribuído ao enunciador do discurso citado, recebe o nome de ilha textual ou ilha enunciativa. Está integrado à sintaxe e o que o distingue na estrutura é a marca tipográfica (Maingueneau, 2001:152).

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

pode não querer assumir. As aspas podem representar as palavras de ordem e ameaça na voz de quem tem autoridade e poder no comando.

E emendou (Bush) com um tom de quem está com o dedo pronto para puxar o gatilho: “O inimigo não ficará salvo por muito tempo”. (13/09/01)

Neste fragmento, a cena parece um filme de ‘mocinho e bandido’, demonstrado na expressão: “pronto para puxar o gatilho.” Percebemos que os eventos formam uma cenografia global e que cada notícia contribui como um elemento da rede.

A notícia interna configura a cenografia já começada na primeira página do CE e, através de intertexto com o título do filme da trilogia no cinema americano “O império contra-ataca”, forma-se a cena do evento do 11 de setembro, que se interliga à do ataque ao Afeganistão, com o título “A Forra”. Nessa perspectiva, a cena de catástrofe implica a de vingança. Na construção dos eventos, americanos e talibãs são as forças de oposição no cenário.

“A América está cheia de medo”, afirmou o bilionário saudita Osama Bin Laden, lançando ameaças aos Estados Unidos. (08/10/01)

O dito de Bin Laden aparece em forma de discurso direto, com palavras que demonstram ter um sentido de pressão psicológica sobre o poder do império. O enunciador-jornalista designa o representante da força contrária ao império de “bilionário saudita”, e também manifesta sua subjetividade ao reformular e interpretar o dito do citado, com a expressão: “lançando ameaças”.

Observamos uma articulação na construção da notícia a partir da formação discursiva de onde o jornal *O Dia* se posiciona, de acordo com a introdução na primeira página do CE do dia 12, cenas vão sendo construídas, de modo que em cada notícia a imagem de Bush, como o herói, aparece de várias formas, interligando discursivamente os dois eventos.

JORNAL *O GLOBO*: DISCURSOS HISTÓRICOS

Constatamos que o jornal *O Globo*, através da primeira página do CE do dia 12 de setembro, começou a construir o evento do dia 11 numa intertextualidade com o tempo da II Guerra Mundial.

O fragmento que aparece no topo da primeira página do CE "OS EUA SOB ATAQUE" aponta para a perspectiva de toda a enunciação. Ataque remete o leitor a tempos de guerra e é nessa interdiscursividade que o Jornal *O Globo* apresenta, nessa página, o título: Dia da infâmia. Este título aparece em intertexto com a própria História e remete aos atentados do Japão aos EUA, no período do final da II Guerra Mundial. A data do ataque japonês, 7 de dezembro de 1941, ficou marcada na História como "Dia da Infâmia" pelas circunstâncias dos acontecimentos.

O presidente George W. Bush, atordoado, *disse que* o país estava diante de uma tragédia e *prometeu* vingança. (12/09/01)

A reação e manifestação do presidente Bush são trazidas para o texto, ATRAVÉS de discurso indireto e uso do verbo dizer, reformulando dito do presidente. A palavra vingança caracteriza o clima de guerra.

O presidente George W. Bush fez soar ontem com mais intensidade os tambores de guerra dos EUA. Depois de definir os ataques terroristas como atos de guerra, ele disse à nação, em rede de TV, que o país "deve estar unido sob uma determinação e uma resolução decididas para enfrentar "um inimigo que se esconde nas sombras e não respeita a vida humana". (13/09/01)

O enunciador-jornalista, ao lançar mão do recurso de uso do discurso narrativizado¹⁹, demonstrou claramente a questão do clima de guerra evidenciado na construção da cenografia a partir da primeira página do CE. O citante fez uso de uma linguagem metafórica – tambores de guerra dos EUA – uma imagem que retoma cenas de guerra do passado. O dito do presidente Bush é apresentado de duas

¹⁹ A concepção de discurso narrativizado foi introduzida por Sant'Anna (2000). Tal discurso é identificado em enunciados em que o jornalista procura dar uma 'informação objetiva', no sentido de evitar a expressividade que possibilita identificação da subjetividade

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

formas: uma reformulada pelo citante, e a outra, com citação marcada entre aspas, recurso usado para sinalizar que os termos aspeados pertencem ao discurso do presidente Bush.

No segundo evento, continua a intertextualidade com a situação de guerra verificada no título da primeira página do caderno "O Mundo" – Primeira bombas.

Observando a intertextualidade com a História, a construção dos eventos se interliga como se o tempo retrocedesse ao final da II Guerra Mundial. O "Dia da infâmia", ataque japonês à base militar americana no Havaí, teve como revide os lançamentos das bombas em Hiroxima e Nagasaki.

George W. Bush diz que a guerra só está começando e manda despejar comida sobre os afegãos. (08 / 10 / 01)

No segundo evento foi instaurada a guerra contra o Afeganistão, e no fragmento que traz a voz "Bush diz que a guerra só está começando", configura-se a cenografia do primeiro evento.

A seguir, apresentamos de forma comparativa o modo diferenciado como cada jornal construiu uma enunciação de uma mesma fonte, a partir de diferentes posições discursivas ligadas a cada jornal, em que a cenografia se configura com o recurso do discurso relatado. (Veja na próxima página).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como o enunciador-jornalista expressa sua subjetividade observável na construção do texto aponta para o co-enunciador a quem ele se dirige. A produção e organização de cada jornal tem em vista atingir um de seus objetivos, que é o de alcançar seu público alvo. Consideramos que esses são aspectos que contribuem para distinções entre os jornais analisados e mobilizam diferentes posições discursivas que se distanciam. Através de fragmentos selecionados e o quadro comparativo é possível a identificação do modo diferenciado como cada jornal construiu uma enunciação de uma mesma fonte. Mesmo usando semelhantes estratégias de forma de DR, os recortes que cada enunciador-jornalista fez para a situação de enunciação criada em cada notícia tem sua especificidade de acordo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

com a cenografia construída. Ao compararmos os fragmentos de notícias, procuramos analisar o que é relacionado a enunciação de um mesmo acontecimento e constatamos que cada jornal usou formas diferentes de expressividade, de acordo com a cenografia construída no transcorrer das notícias. Este fato serve para identificar que o DR foi usado como estratégia lingüístico-discursiva integrante da construção da cenografia. O modo como o DR é usado entre os jornais contribui para distanciamento de posições discursivas.

<p>Jornal <i>O Dia</i> O império CONTRA-ATACA Forma de DR DI</p> <p>George W. Bush <i>promete</i> que vai caçar os terroristas, e o principal suspeito é o bilionário Osama bin Laden.</p> <p>O jornal <i>O Dia</i> faz referência ao nome completo do presidente. Isso contribui para a caracterização da imagem progressivamente construída a partir do momento em que o presidente se dirige individualmente no seu papel de liderança política (como imperador) dos EUA. Nessa perspectiva, a individualidade é realçada quando o relato do enunciador-jornalista coloca a ação na responsabilidade do presidente – <i>George W. Bush promete que vai caçar os terroristas.</i></p> <p>vão caçar terroristas.</p>	<p>Jornal <i>O Globo</i> Bush <i>diz que</i> os EUA Forma de DR DI</p> <p>Bush diz que os EUA vão caçar terroristas</p> <p>O enunciador do jornal <i>O Globo</i> designa o presidente através do seu sobrenome – Bush, o que não é tão individualizado. O citante, ao reformular o dito do presidente, coloca: <i>Bush diz que os EUA vão caçar terroristas.</i> A cenografia construída na primeira página é configurada também no DR, a partir do momento em que o país é tido como um todo atingido pelos ataques do dia 11, e responde dessa posição em disposição de guerra que se repete na história.</p> <p>Ao comparar essas duas notícias torna-se evidente o argumento de Maingueneau em relação ao DR, que mesmo existindo certa semelhança, muitas divergências podem aparecer por menos que se considere a citação como uma modalidade totalmente diferente do funcionamento discursivo. (1997, p. 87)</p>
---	---

AD – ANÁLISE DO DISCURSO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, nº 19, p. 25-42, jul/dez 1990.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. São Paulo.

———. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANT'ANNA, V. L. A. *Mercosul em notícia: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho*. São Paulo: PUC, 2000. Tese de Doutorado em Lingüística Aplicada.

SANTOS, Z. A. L. *Um estudo dialógico de notícias sobre os eventos de 11 de setembro e ataque ao Afeganistão*. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. Dissertação de Mestrado em Lingüística.